

APRENDER A OLHAR A NATUREZA ATRAVÉS DE ROUSSEAU: A LITERATURA ROUSSEAUISTA NAS ATIVIDADES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Gustavo Cunha Bezerra

Universidade Estadual da Paraíba – gcbzerra@hotmail.com

Resumo:

Este artigo procura relacionar a Filosofia com a Educação Ambiental através dos textos de Jean-Jacques Rousseau em que o filósofo expressa tanto sua visão de natureza como a relação afetiva que mantém com o ambiente natural. É devesas conhecida a sensibilidade de Rousseau ao que ele denomina “espetáculo da natureza”. Não são poucas as passagens de suas obras em que ele expressa a forma como o ambiente natural lhe desperta um grande prazer sensorial, o qual termina por influenciar decisivamente seu pensamento. Rousseau apresenta-se, portanto, como um filósofo singular quando o tema é a valorização da natureza e, sendo assim, poderia ser melhor trabalhado ao se ter em vista a inserção do ensino de Filosofia na Educação Ambiental.

Palavras-chave: Rousseau, Educação Ambiental, Estética Ambiental.

Introdução:

O contexto atual certamente não é dos melhores no que se refere às questões ambientais. O fantasma do aquecimento global, que parece se tornar cada vez mais real, somado às políticas que seguem na contramão do que dita o bom senso a respeito da preservação, não apenas das florestas, rios etc., mas da própria vida humana no planeta, projetam um futuro nebuloso. Mesmo que as mais diversas práticas ecológicas permeiem a sociedade contemporânea, tais como a preocupação com a diminuição e reciclagem do lixo, a valorização dos produtos orgânicos, dentre outras, ainda estamos muito distantes, em termos gerais, de uma verdadeira conscientização da urgência de se adotar políticas mais profundas no trato com os recursos naturais.

Uma vez que os interesses financeiros imediatos ofuscam uma percepção de longo prazo, mesmo com todos os estudos fornecidos pela ciência, mostra-se evidente a necessidade de se buscar formas de ampliação do discurso ecológico que promovam um engajamento mais forte, por parte da sociedade, às ações que visam encontrar e implantar as transformações, em seu modo de vida, que são necessárias para conter a vocação destrutiva do homem moderno. Um importante recurso nesse sentido é a Educação Ambiental, a qual ainda não encontrou

todo seu merecido espaço no ambiente escolar, tendo em vista os sérios problemas que inevitavelmente a sociedade, mais cedo ou mais tarde, terá de enfrentar.

Meu objetivo, ao levantar aqui a temática da Educação Ambiental, é o de pensar o papel que o ensino de Filosofia poderia nela desempenhar. Ao folhar os materiais didáticos de Filosofia é fácil constatar que a discussão ambiental está longe de ocupar um lugar importante, e que, quando existe, aparece como algo “complementar”. Dessa forma, o ensino de Filosofia se abstém de tratar devidamente uma questão das mais imprescindíveis no mundo contemporâneo, o que seria uma grande traição à própria atitude filosófica que nunca se furtou em enfrentar os problemas mais urgentes de cada época.

Metodologia, resultados e discussão:

Ora, se formos pensar sobre essa relação entre Filosofia e Educação Ambiental, poucos filósofos seriam tão propícios de serem lembrados do que Jean-Jacques Rousseau, pensador que desde as suas primeiras obras posiciona-se como defensor da exigência moral da aproximação entre homem e natureza. No *Discurso sobre a origem da desigualdade*, Rousseau aponta a decadência moral da humanidade como resultado do processo de “desnaturação”, ou seja, do afastamento do homem em relação ao modo de vida das primeiras sociedades no qual os homens permaneciam profundamente ligados à natureza. Já no *Emílio*, Rousseau defende uma educação que procura preservar as inclinações naturais, portanto boas, segundo o genebrino, da criança. Ainda no *Emílio*, mais precisamente, na *Profissão de fé do Vigário saboiano*, Rousseau sustenta uma visão de mundo em que a religião e a ordem observada na natureza estão estreitamente interligadas. Por fim, em textos autobiográficos, tais como os *Devaneios do caminhante solitário*, o filósofo das sensações narra sua relação bastante afetiva com a natureza.

É deveras conhecida a sensibilidade de Rousseau ao que ele denomina “espetáculo da natureza”. Não são poucas as passagens de suas obras em que ele expressa a forma como o ambiente natural lhe desperta um grande prazer sensorial, o qual termina por influenciar decisivamente seu pensamento. Rousseau apresenta-se, portanto, como um filósofo singular quando o tema é a valorização da natureza e, sendo assim, poderia ser melhor trabalhado ao se ter em vista a inserção do ensino de Filosofia na Educação Ambiental.

O trabalho que proponho apresentar tomará, como ponto de partida, esse pensamento rousseuista a fim de defender a educação da sensibilidade voltada para a paisagem natural. Poderemos questionar, primeiramente, sobre a própria possibilidade de um processo educativo que vise formar tal sensibilidade. Ao analisar os textos mencionados abaixo, cabe perguntar sobre o papel que a descrição dos momentos privilegiados, dos “êxtases” de Rousseau diante da natureza, pode ter sobre uma possível educação da sensibilidade. E, finalmente, em que medida essa tentativa de aprimoramento da sensibilidade poderia ser inserida na discussão ecológica contemporânea?

Podemos começar tal itinerário pelo *Emílio*, texto em que Rousseau se volta justamente para o problema da educação. Nessa obra, quando Rousseau discute a educação na adolescência, um tema se destaca: a educação religiosa. Estamos nos referindo à *Profissão de fé do Vigário saboiano*, texto composto por algumas dezenas de páginas que procura expressar a visão mundo do pensamento rousseuista. Vemos aí a figura de um sábio padre que procura transmitir alguma sabedoria a um jovem desorientado. Vale destacar, aqui, o preâmbulo dessa parte do *Emílio*, quando se descreve o cenário escolhido pelo padre para expor seus pensamentos ao jovem:

Estávamos no verão e levantamo-nos ao nascer do dia. Ele me levou para fora da cidade, para o alto de uma colina elevada, sob a qual passava o Pó, cujo curso via-se através das férteis margens que ele banha; ao longe, a imensa cadeia dos Alpes coroava a paisagem; os raios do sol nascente já iluminavam as planícies e, projetando sobre os campos em longas sombras as árvores, os outeiros e as casas, adornavam de mil acidentes de luz o mais belo quadro que o olho humano possa contemplar. Dir-se-ia que a natureza exibia para nós toda sua magnificência para com ela oferecer o tema às nossas conversas. Foi ali que, depois de ter por algum tempo contemplado aqueles objetos em silêncio, o homem de paz falou-me. (1999, p.355)

Lemos essas palavras como se estivéssemos diante de um quadro, cuja imagem desperta os mais agradáveis sentimentos. A estação do ano, o local de onde se observa a paisagem, o curso do rio que se revela pelo verde de suas margens e, enfim, as montanhas “coroando” esse belo cenário, tudo isso contemplado ao amanhecer, num momento do dia em que a iluminação torna o espetáculo da natureza ainda mais belo.

Antes de expor seus sábios pensamentos sobre Deus, o homem e a natureza, o Vigário escolhe um cenário em que a apreciação estética da natureza desperta os sentimentos

propícios que vão inspirar tanto o mestre quanto o discípulo para o importante acontecimento que se iniciará.

Esse episódio já introduz o forte significado que a natureza representará, no discurso do padre, sobre os seus posicionamentos epistemológicos, morais e teológicos. De fato, na *Profissão de fé do Vigário saboiano*, Rousseau percebe a ordem da natureza como uma espécie de evidência da existência de uma ordem moral definida por uma vontade inteligente e divina. O que nos interessa aqui é o fato que, no decorrer do texto, tais conclusões são acompanhadas por repetidos elogios à beleza que o ambiente natural oferece aos que estão dispostos a contemplá-lo: “Vê o espetáculo da natureza, escuta a voz interior. Deus não disse tudo a nossos olhos, à nossa consciência, aos nossos juízos?” (ROUSSEAU, 1999, P.400). Notável passagem esta que expressa muito bem como a admiração de Rousseau pela natureza o permite deduzir as noções fundamentais de seu pensamento. O filósofo nos convida a voltarmos o olhar para a natureza, a sentir o prazer de perceber nela uma beleza singular capaz de nos mostrar as verdades que seriam inacessíveis através do recurso exclusivo da razão, tal como afirma o Vigário: “fechei todos os livros. Deles, um só há que está aberto a todos os olhos: é o da natureza” (ROUSSEAU, 1999, P.418).

Nos últimos anos de vida, entre 1776 e 1778, já velho e cansado das intrigas com os *philosophes* e da perseguição causada pela condenação do *Emílio* e do *Contrato Social*, Rousseau se volta para si mesmo e redige as dez Caminhadas (a última inacabada) que compõem os *Devaneios do caminhante solitário*. Nessa obra Rousseau dedica uma parte considerável às lembranças dos momentos em que pôde desfrutar dos prazeres contemplativos diante do ambiente natural. Uma dessas passagens pode ser lida na quinta *Caminhada*, em que Rousseau recorda nostalgicamente dos dois meses em que habitou a pequena Ilha de Saint-Pierre, no lago Bienne. O belo cenário oferecido pela natureza, somado ao retiro e solidão em que se encontrava nessa ilha, propiciam deliciosos devaneios:

Quando a noite se aproximava, descia dos cumes da Ilha e ia de bom grado sentar-me à beira do lago, sobre a praia, em algum refúgio escondido; lá, o ruído das vagas e a agitação da água fixando meus sentidos e expulsando de minha alma qualquer outra agitação, a mergulhavam num devaneio delicioso (...). O fluxo e o refluxo dessa água, seu ruído contínuo, mas crescente por intervalos, atingindo sem repouso meus ouvidos e meus olhos, supriam os movimentos internos que o devaneio extinguia em mim e bastavam para me fazer sentir

com prazer minha existência sem ter o trabalho de pensar. (1995, p.75)

Rousseau expressa, dessa forma, o caráter terapêutico de seus momentos contemplativos em meio a natureza. O repouso solitário no fim do dia, numa ilha quase deserta, à beira do lago escutando o suave barulho das ondas, é tudo o que o filósofo amante da natureza precisa para se afastar dos inquietos pensamentos que perturbam sua alma. As agradáveis sensações oferecidas pelo ambiente natural proporcionam, assim, um momento de profunda tranquilidade da alma.

A sensibilidade torna-se aqui um elemento chave para esse processo que termina por mostrar ao filósofo os verdadeiros prazeres: “a terra oferece ao homem, na harmonia dos três reinos, um espetáculo cheio de vida, de interesse e de encanto (...). Quanto maior for a sensibilidade de sua alma, mais o contemplador se entregará aos êxtases que excita nele essa harmonia” (1995, p.93), diz Rousseau, ainda nos *Devaneios do caminhante solitário*.

A contemplação da natureza dependeria, assim, da sensibilidade daquele que está diante do cenário natural. Um observador insensível talvez apreciasse uma grande queda d’água, ou outro espetáculo grandioso da natureza, mas seria incapaz de se deleitar com uma paisagem mais ordinária. “O perfume das flores, o encanto da vegetação, o vapor úmido do orvalho, os passos macios e mansos sobre a grama, (...) o canto dos pássaros” (ROUSSEAU, 1999, p.207) não afetam igualmente os homens; é preciso ter aprendido, de certa forma, apreciar tais belezas mais sutis do ambiente natural.

A questão, portanto, é procurar pensar sobre as alternativas pedagógicas que favorecem esse tipo de educação da sensibilidade à beleza estética da natureza. Nesse sentido, no contexto das aulas de Filosofia no Ensino Básico, uma possibilidade que se mostra pertinente seria a de trabalhar os textos mencionados acima, expondo aos alunos a literatura rousseauísta que expressa sua apreciação e contemplação da natureza. Se os alunos forem estimulados a dar um sentido a estes textos, a compreender o sentimento que emerge da experiência sensorial com o ambiente natural, o resultado não poderá deixar de ser muito interessante.

Ao se pensar sobre tal proposta, surge uma questão importante a respeito da adoção de determinada metodologia que promova a apreciação dos textos pelos alunos. Evidentemente, um trabalho como este não deve ser realizado no ambiente limitado pelas paredes da sala de aula, mas sim combinado com um passeio, em meio a natureza, no qual se busque estimular a percepção sensorial dos objetos que se encontram ao redor: as cores, formas e cheiro da vegetação, o som dos pássaros e da água, a luminosidade, o clima etc. Esse exercício teria como objetivo permitir uma certa identificação com a experiência daquele que redigiu os referidos textos, ou seja, com os deleites contemplativos de Rousseau. Trata-se, portanto, de mostrar os prazeres que se pode encontrar numa relação mais autêntica com a natureza, e também, de como isso pode se transformar em literatura filosófica. Talvez, assim, sejamos capazes de fazer com que os alunos atribuam algum significado aos textos de Rousseau.

Alguns trechos dos *Devaneios do caminhante solitário* são bastante adequados para esse tipo de atividade. Vejamos o seguinte:

Anoitecia. Percebi o céu, algumas estrelas e um pouco de verdura. Esta primeira sensação foi um momento delicioso. Era somente através dela que começava a sentir minha existência. Nascia nesse instante para a vida e parecia-me preencher, com minha leve existência, todos os objetos que percebia. Vivendo inteiramente o momento presente, de nada me lembrava; não tinha nenhuma noção distinta de minha própria pessoa, nem a menor ideia do que acabava de acontecer; não sabia nem quem era nem onde estava; não sentia dor, nem medo, nem inquietude. (...) Sentia, em todo o meu ser, uma calma maravilhosa à qual, cada vez que a relembro, nada encontro de comparável em toda a atividade dos prazeres conhecido. (1995, p.34)

A partir desta citação, por exemplo, podemos questionar, junto com os alunos, se esse tipo de sentimento despertado pela imersão no ambiente natural seria algo específico do filósofo Jean-Jacques Rousseau, ou se as outras pessoas, e nós mesmos, poderíamos sentir a mesma coisa diante de um cenário semelhante. Evidentemente, trata-se de uma experiência que pode ser compartilhada, mas tal questionamento nos permite refletir sobre o porquê da possibilidade de manifestação do sentimento de admiração naquele que contempla o espetáculo da natureza. Como descreveríamos tal atitude contemplativa? Seria esse tipo de experiência algo a ser desejado e desenvolvido em nós? Se sim, quais seriam, então, as formas de exercitar nossa sensibilidade à beleza do cenário natural? A literatura e a filosofia teriam aí um papel importante a desempenhar? Os textos em que Rousseau descreve sua atitude

contemplativa nos ajudariam a compreendê-la e, dessa forma, nos incentivariam a buscá-la? O aprendizado da percepção estética da natureza conduziria à valorização das práticas ecológicas?

Ao buscar responder essas perguntas, o trabalho aqui proposto ganha todo o seu sentido. A fim de fugir de qualquer espécie de imposição, toma-se como ponto de partida a própria experiência sensorial do aluno para a compreensão do texto filosófico. Compreensão esta que passa, obrigatoriamente, pelo questionamento sobre si mesmo e sobre as formas de perceber o mundo ao redor.

Por fim, cabe ressaltar o aspecto transdisciplinar do exercício proposto acima, na medida em que sua plenitude seria alcançada apenas através do trabalho conjunto da Filosofia com a Literatura e, certamente, com as Ciências da Natureza. Enquanto uma nos ajuda a apreciar a beleza literária do texto, a outra enriquece o nosso olhar sobre a natureza quando nos explica seus mecanismos e suas leis.

Temos, assim, uma atividade que explora dimensões diversas da experiência cognitiva e que, por meio da reflexão filosófica, termina por nos fazer repensar sobre nossa visão de mundo, de forma semelhante ao filósofo da *Peça alegórica sobre a revelação*:

Foi durante uma bela tarde de verão que o primeiro homem a tentar filosofar, entregue a um profundo e delicioso devaneio, e guiado por aquele entusiasmo involuntário que transporta, às vezes, a alma para fora de sua morada, e a faz, por assim dizer, abraçar todo o universo, ousou elevar suas reflexões até o santuário da Natureza e penetrar, pelo pensamento, tão longe quanto é permitido à sabedoria humana alcançar. (ROUSSEAU, 2005, p.204)

Interessante atitude esta descrita por Rousseau, que nos diz muito sobre aquilo que pretendemos desenvolver neste trabalho. A agradável paisagem de “uma bela tarde de verão” inspira o “primeiro” filósofo a se deixar levar pelos seus devaneios para, então, tentar compreender o ordenamento da Natureza. Uma fusão entre o ato filosófico contemplativo que, ao admirar o misterioso espetáculo da natureza, se volta para a busca reflexiva sobre a *physis*.

Conclusão:

Se compartilhamos com Rousseau o pensamento de que uma relação mais afetiva com a natureza pode nos inspirar os melhores sentimentos para si mesmo e para o meio ambiente, seria, então, deveras interessante discutir se esse tipo de literatura filosófica não está, atualmente, um tanto esquecida, justamente num momento em que parece ser urgente retomá-la. Acredito, portanto, que seria muito propício levarmos estes textos para os alunos, principalmente para os jovens da Educação Básica. Mostrar para eles essas passagens dos *Devaneios do caminhante solitário*, e outras semelhantes que podem ser encontradas nos textos autobiográficos, a fim de apresentar um determinado posicionamento filosófico em relação à natureza que pode auxiliá-los a repensar e estabelecer novas práticas no trato com o meio ambiente. Evidentemente, esta não é uma tarefa exclusiva da Filosofia, mas de todo o conjunto de disciplinas que compõe o currículo escolar. O problema, a meu ver, é que o ensino de Filosofia parece que esteve, até então, um pouco ausente neste debate.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ROUSSEAU, J.-J.. **Emílio**; tradução: Roberto Leal Ferreira – 2a ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ROUSSEAU, J.-J.. Ficção ou Peça Alegórica sobre a Revelação. In: **Carta a Christophe de Beaumont e outros escritos sobre a Religião e a Moral**; tradução: José Oscar de Almeida Marques [et al.]. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

ROUSSEAU, J.-J.. **Os Devaneios do Caminhante Solitário**; tradução: Fulvia Moretto – 3a ed. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.